



“Diplomacia religiosa” e paradoxos em Paris **Nexos e ausência de uma narrativa ecológica emergente**

Denise Pini Rosalem da Fonseca (Parole) e Maria Rita Villela (ISER)

Teoricamente, entre a episteme, a doxa e o paradoxo ocorrem duas ausências de nexos. A primeira seria quanto à forma de construção do conhecimento: na episteme, a partir da verificação científica, e na doxa, na comunhão dos pontos de vista de uma determinada sociedade em uma dada circunstância.

A segunda quanto ao valor que se dá ao conhecimento, já que paradoxo é toda proposição ou argumento que contraria os princípios básicos e gerais que orientam o pensamento humano (a episteme) ou desafia a opinião ou crença compartilhada pela maioria (a doxa).

O paradoxo é, portanto, ação ou omissão que se contrapõe ao (com)sabido.

Em Paris, na próxima semana, a chamada “diplomacia religiosa” corre o risco de enfrentar-se com paradoxos quanto às pautas políticas relativas às mudanças climáticas: proposições que contrariam ou ignoram aquilo que Fé e Ciência já conseguiram apreender e (com)saber.

Desde a publicação de *Laudato Si*, em junho passado, muitas das centenárias e intransponíveis oposições entre episteme e doxa no que se refere ao futuro da “nossa casa comum” ou seja, entre Ciência e Fé, foram resolvidas pelo Sumo Pontífice a partir de uma surpreendente mudança de paradigma teológico, seguida de uma convocatória planetária e de um mandato.

Este foi um gigantesco passo ético-político que gerou uma igualmente imensa expectativa global de que o segmento religioso poderia oferecer outra narrativa ecológica, sentando outras bases de negociação para Paris.

Porém, aparentemente, a “diplomacia religiosa” encontrará pouco espaço na agenda oficial da COP21 para fazer fluir a sua pauta política a partir de uma nova e inovadora narrativa ecológica, não obstante o impacto global da convocatória e a urgência do mandato que a humanidade tem a cumprir.

Primeiro paradoxo: convocatória global e eventos laterais

A perspectiva religiosa no debate sobre mudanças climáticas estará representada em meros quatro *side events* oficiais da COP21.

1. “O papel da ética e da consciência humana em soluções para as mudanças climáticas” será o tema debatido entre representantes da Universidade *Brahma Kumaris* e a Associação Budista da Montanha *Dharma Drum*;
2. “Desafiando desastres: um diálogo tri-continental Sul-Sul para soluções para as mudanças climáticas” é o título do debate entre o *Earth-Savers Movement*; o *Climate Institute*, e a Fundação Budista *Tzu Chi*;
3. “Mantendo combustíveis fósseis no solo: o movimento internacional para banir *fracking*”, envolverá debatedores do *Center for Biological Diversity*; do *Franciscans International*; da *Mercy International Association*, e da *Society of Catholic Medical Missionaries*, e
4. “Exame de como as nações deverão considerar equidade e justiça na definição de INDCs”, um debate entre o *Pennsylvania Environmental Resource Consortium*; a *National Spiritual Assembly of the Baha'is of*



2. Como consequência direta deste estado de coisas, fica reiterada a importância de se seguir inventariando, através da oralidade, as reflexões e os acontecimentos que estejam retidos em narrativas (teo)ecológicas *off-line*, e
3. Há espaço para que outros atores políticos contribuam com o segmento religioso disponibilizando *online* esta informação, que permanece *off-line*. Ao mesmo tempo, é importante que se instrumentalize o segmento religioso para que este passe a utilizar também as mídias digitais *online* como ferramentas de divulgação/ampliação das suas iniciativas.

Nexos da nova narrativa ecológica: episteme e doxa da “diplomacia religiosa”

Ao tempo de *Laudato Sí*, seja em paralelo à sua concepção, seja em resposta à sua publicação, muitos estudos, eventos e documentos vem sendo produzidos e debatidos internacionalmente por comunidades religiosas de distintos credos, de maneira independente ou em associações multirreligiosas de diversas composições.

Este conjunto de novíssimos produtos conceituais, que articulam o estado da arte de saberes científicos (episteme) com fundamentos sagrados de distintas comunidades religiosas (doxa) sobre a relação da humanidade com a natureza, conformam o que estamos chamando de nova narrativa ecológica, cujos conteúdos carecem ainda de um maior entendimento e (re)conhecimento.

No Rio de Janeiro, desde agosto de 2015, o ISER vem promovendo uma articulação entre comunidades religiosas e o movimento ambientalista, com foco nas mudanças climáticas. A iniciativa denominada *Fé no Clima*, além de mapear na internet os mais relevantes atores institucionais e sua produção; de entrevistar reconhecidos ativistas religiosos de distintas denominações; de produzir, publicar e encaminhar politicamente documentos, e de propiciar a realização de um evento interreligioso de pertenças minoritárias, realizou um encontro internacional de *senior leaders* de grandes comunidades religiosas com o objetivo de promover o conhecimento e o reconhecimento desta nova narrativa ecológica.

Guardadas as diferenças de linguagens e perspectivas, estes esforços de conhecimento dos conteúdos e *advocacy* sobre mudanças climáticas, que dão suporte ao exercício da “diplomacia religiosa”, permitiram identificar os nexos que existem entre as muitas narrativas religiosas sobre a relação da humanidade com a natureza. Dentre estas, destacamos:

1. O reconhecimento da obrigação (sagrada, moral, ética, de mandato) de cuidar da natureza (Nossa Casa Comum, *Irê*, *Mamapacha*, Criação, Jardim, Mãe Terra);
2. A percepção de que há uma responsabilidade sobre a ação humana no mundo que é compartilhada por todas as comunidades religiosas;
3. A percepção de urgência na necessidade de promover mudanças éticas e comportamentais e de adotar ações concretas, articulando conteúdos teóricos e convocatória (teo)política para atitudes transformadoras;
4. A surpreendente disposição e capacidade de buscar sinergias e o diálogo interreligioso para superar as barreiras e as históricas intolerâncias religiosas em prol do enfrentamento das mudanças climáticas;
5. O reconhecimento da marcante limitação no repertório de ações concretas de cuidado com a natureza, organizadas e desenvolvidas



- sistematicamente pelas comunidades religiosas, e
6. A perspectiva inter-geracional, articulando politicamente as responsabilidades de mais velhos e mais jovens. Aos primeiros cabe a tarefa de mobilizar e orientar suas comunidades religiosas para a ação. Aos mais jovens, cabe serem agentes ativos das transformações desejadas, tais como, as éticas e de modos de vida mais consoantes com as necessidades de cuidado com a natureza.

No que se refere às convergências de fundamentos sagrados da relação da humanidade com a natureza, foi possível observar:

1. O reconhecimento da sacralidade da natureza;
2. O entendimento de que o cuidado mútuo (ou seja, a solidariedade humana e ambiental) é uma das poucas possibilidades de preservação da vida humana;
3. A aceitação entre os diferentes credos de uma agência na Criação (Deus, Orixá, Inteligência cósmica, *Cuxipá*);
4. O momento atual como uma oportunidade de salto de qualidade para a humanidade, e
5. A necessidade de busca de equilíbrio, de justiça e de formas de comunicação (linguagens) para perseguir estes objetivos.

No que tange às ações das comunidades religiosas que já estão em curso em face das mudanças climáticas e preocupações ambientais mais amplas, observaram-se as seguintes convergências:

1. Realização de rituais e celebrações de ressacralização da relação da humanidade com a natureza;
2. Busca de utilização de uma visão integradora;
3. Busca de novas conexões, encontros e diálogo interreligioso;
4. Chamada para uma ação imediata e conjunta, e
5. Iniciativas de reeducação para uma mudança ética.

Finalmente, no que diz respeito às convergências de propostas de desdobramentos e iniciativas futuras, destacamos:

1. O compromisso com a busca de superação de diferenças para promover as mudanças desejadas;
2. O reconhecimento da necessidade de professar e promover mudanças de estilos de vida;
3. O compromisso de depositar maior atenção nos mais vulneráveis;
4. A responsabilidade de trabalhar para proteger os povos tradicionais, e
5. A decisão de depositar esperanças nos mais jovens, atuando como facilitadores para uma educação renovadora.

Para finalizar, vale dizer que quicá porque esta narrativa ecológica esteja ainda em fase de amadurecimento conceitual, ou mesmo porque as negociações internas do próprio segmento religioso ainda constituam um grandioso desafio a ser enfrentado, o que se pode entender a partir da discreta presença da “diplomacia religiosa” em Paris, ao menos a partir do que está previamente agendado, é que dois paradoxos já se insinuam para a próxima semana.

De um lado, uma parcela significativa do ativismo ambientalista internacional não enxergou ainda, ou mesmo ainda não desejou explorar, o potencial que reside no segmento religioso para construir mecanismos inovadores de *advocacy* socioambiental na esfera local. Talvez aqui ainda permaneçam percepções



Fé no Clima

Comunidades religiosas
e mudanças climáticas

the United States; a Unitarian Universalist Association, e a Widener University.

Quanto aos movimentos que ocorrerão nas ruas de Paris durante a Conferência do Clima, o *blog* [COP21 Religions](#) reúne informações sobre cerca de vinte encontros, marchas e eventos organizados por instituições e redes religiosas e multirreligiosas que deverão ocorrer durante a semana.

Ainda que isto fosse suficiente, haverá limites quanto ao amplo acesso e adesão a estes eventos. Para se obter informações sobre os mesmos, ou se participa diretamente da sua mobilização, ou se busca “conversar” com quem já participou em eventos anteriores, já que os dados relevantes sobre o ativismo e as reflexões nas fronteiras do campo religioso com o movimento ambientalista, por ora, majoritariamente se transmitem *off-line*.

Aparentemente, no segmento religioso ainda prevalece a oralidade como principal forma de construção/transmissão de conhecimento, não obstante o avanço e o alcance das ferramentas de comunicação da era digital.

Segundo paradoxo: duas narrativas ecológicas com ausência de nexos

O nexo entre comunidades religiosas e o ativismo sobre as mudanças climáticas ainda está longe de ser óbvio, tanto para as organizações religiosas, quanto para as organizações ambientalistas.

Os Estados Unidos da América são o país que mais reúne reflexões nesta interface temática. Ali já é possível identificar uma dezena de organizações religiosas de diversas denominações, ou interreligiosas, que estão pautadas por temas ecológicos ou que já tenham incorporado em suas reflexões as questões climáticas.

Dentre estas se destacam: o *Forum on Religion and Ecology* (www.fore.yale.org); a *United Religions Initiative* (www.uri.org); o *Council for the Parliament of the World's Religions* (www.parliamentofreligions.org); o *Eco Sikh* (www.ecosikh.org); a *Evangelical Environmental Coalition* (<http://creationcare.org>); o *Green Muslims* (<http://www.greenmuslims.org>); a *National Religious Partnership for the Environment* (www.nrpe.org); o *Interfaith Center on Corporate Responsibility* (www.iccr.org); o *Interfaith Power and Light* (www.interfaithpowerandlight.org); a *GreenFaith* (www.greenfaith.org), e o *International Jesuit Ecology Project: Healing Earth* (<http://luc.edu/ijep/>).

No Reino Unido também há algumas organizações religiosas voltadas às reflexões sobre mudanças climáticas, dentre as quais se destaca a *Alliance of Religions and Conservation* (www.arcworld.org) de alcance global. De maneira dispersa, há iniciativas pulverizadas em alguns outros países.

No Brasil, as iniciativas religiosas que discutem mudanças climáticas têm sido impulsionadas, sobretudo, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que organiza, desde 2009, o Simpósio Internacional de Mudanças Climáticas e Justiça Social, ampliando o alcance para comunidades protestantes e indígenas.

Uma pesquisa de mapeamento de iniciativas nacionais e internacionais que congregam religiosos para discutir as questões climáticas, recentemente realizada na internet pelo Instituto de Estudos das Religiões (ISER), revelou que:

1. O fato de que não se consiga identificar um número significativo de organizações que atuem nessa interface não quer dizer que elas não existam, mas sim que as informações sobre elas ainda são veiculadas preferencialmente em modo *off-line*;



Fé no Clima

Comunidades religiosas
e mudanças climáticas

irreconciliáveis de episteme e doxa, posto que o ambientalismo constrói uma parte importante da sua pauta política em base aos achados da Ciência.

Por outro lado, ainda que a respeitada Ciência já tenha declarado sua incapacidade de resolver sozinha os agravos que nossa secularizada episteme criou, quando as comunidades religiosas do mundo concebem uma nova doxa, proferindo uma narrativa ecológica inovadora esta mesma Ciência, de mãos dadas com a Política a quem historicamente ela serve, não consegue acolher este broto mais do que como uma franja nova para adornar um tecido roto.

De qualquer maneira, mais uma vez em Paris veremos nascer um novo devir político: a “diplomacia religiosa” sobre mudanças climáticas.

Que esta seja abençoada no berço libertário do seu nascimento!

Denise Pini Rosalem da Fonseca é doutora em História
denise@parolecorp.com

Maria Rita Villela é doutora em Ciências Sociais
mvillela@iser.org.br